

Imigração haitiana em Joinville (SC): uma análise das construções discursivas da imprensa¹

Sirlei de SOUZA²

Marialva Carlos BARBOSA³

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O objetivo desta comunicação é refletir sobre como os meios de comunicação, especialmente a imprensa escrita, contribuem com (e para) o entrelaçamento de passado, presente e futuro e o jogo entre esses elementos numa dada configuração social marcada por fluxos migratórios. Aí também estão imbricadas as mediações socioculturais que movem e atravessam os vários sentidos e as representações do passado, bem como a produção e apropriação de estigmas atribuídos aos imigrantes no presente, as experiências multiculturais e as vivências da diferença no contexto urbano. A pesquisa tem como propósito investigar as construções discursivas da imprensa a respeito da imigração e da presença haitiana no espaço urbano de Joinville (SC), além da relação com o fortalecimento dos valores/da cultura hegemônica local.

Palavras-chave: imprensa; imigração haitiana; mediações; produção discursiva.

Texto do trabalho

A pesquisa, ainda em fase inicial⁴, tem por objetivo problematizar as produções discursivas quanto à presença haitiana publicadas nos jornais de Joinville (SC) na última década, pois, ao longo da segunda metade do século XX, os periódicos locais, especialmente o *A Notícia*, serviram como espaço de disputa de sentidos acerca da história da cidade e das mudanças nela impulsionadas pelos processos migratórios. Pretende-se averiguar como e em que termos os editorialistas, os jornalistas e os demais colaboradores enunciaram e produziram significados sobre a imigração haitiana e sua relação com o passado e o presente da cidade. Quais representações acerca dos haitianos foram construídas? Que jogos e redes de poder

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa Geografias da Comunicação, do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² A autora é Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) – Doutorado Interinstitucional (Dinter) UFRJ/Universidade da Região de Joinville (Univille) –, iniciado em abril de 2016. *E-mail:* professorasirlei@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ. *E-mail:* marialva153@gmail.com.

⁴ A pesquisa faz parte dos estudos que estão sendo desenvolvidos para a tese de doutorado que tem como título inicial *Mídia e mediações socioculturais: imigração e vivências de haitianos em Joinville/SC*, iniciada em abril de 2016.

tais representações suscitam, fortalecem ou impulsionam? Em que medida essas representações foram e são apropriadas para (r)estabelecer vínculos de pertencimento ou de recusa identitária? Em que medida tais produções discursivas fortalecem os “valores” hegemônicos locais?

Joinville, terceira cidade mais industrializada no Sul do Brasil, conhecida como “Manchester catarinense” (IBGE, 2015), constituiu toda a sua trajetória histórica como uma cidade migrante⁵. Atualmente, é um dos destinos escolhidos pelos imigrantes haitianos em território brasileiro. Ainda que não se tenham dados precisos⁶, hoje em dia vivem em Joinville entre mil e três mil haitianos. Conforme reportagens consultadas⁷, a maioria entra no país pelos estados do Acre e do Amazonas desde 2010, após o Haiti ter sido atingido por um terremoto. Foram três milhões de pessoas afetadas, com cerca de 200 mil mortes e 1,5 milhão de desabrigados (BASTANTE, 2010).

A importância do estudo da problemática das migrações haitianas para o Brasil insere-se nas discussões contemporâneas em torno dos fluxos migratórios por todo o mundo. Salienta Cogo (2014) que mundialmente estamos diante de uma nova configuração de fluxos migratórios na qual o Brasil, sobretudo a partir de 2008, passou a ocupar lugar de destaque entre os países receptores de imigrantes e refugiados⁸. Segundo o autor, o Brasil, que havia deixado desde a década de 1940 de receber grandes levas de imigrantes, em 2008 voltou a ser destino para vários deles⁹. Isso encontra correspondência nos dados obtidos acerca de Joinville, incluindo informações a respeito da imigração de haitianos, como já ressaltado.

De acordo com dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) (HAITIANOS NO BRASIL, 2015), houve um crescimento significativo do número de haitianos de ambos

⁵ A esse respeito, ver: COELHO, 2010.

⁶ Na pesquisa exploratória, constataram-se divergências no número de haitianos em Joinville. No mesmo período (maio 2015), a prefeitura indica 700; e a Polícia Federal, mil haitianos (A NOTÍCIA, 2015). Por outro lado, entidades de movimentos sociais apontaram em agosto do mesmo ano a presença de aproximadamente três mil haitianos, levando em conta não apenas os registros e documentos emitidos, mas também a presença de indocumentados (MENDONÇA, 2015).

⁷ Compiladas e disponíveis em: <http://www.migrante.org.br/migrante/index.php?option=com_content&view=category&id=89&Itemid=1210>. Acesso em: 12 fev. 2016.

⁸ A regulamentação da entrada dos haitianos no Brasil deu-se recentemente pela Resolução n.º 097/2012, que, em vez de declará-los refugiados, lhes concedeu o visto de permanência por razões humanitárias (CNIg, 2014).

⁹ Para Cogo (2014), isso decorre da crise econômica que atingiu os Estados Unidos e a Europa em 2007 e das oportunidades abertas no Brasil com a realização de dois grandes eventos: a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. Conforme dados apresentados pela autora extraídos de um estudo do Observatório das Migrações Internacionais, em 2010 havia no Brasil cerca de 960 mil imigrantes internacionais e em 2013 1,7 milhão.

os sexos no mercado de trabalho brasileiro. A grande maioria procura a Região Sul, por esta oferecer mais oportunidades profissionais. Também com base em informações do MTE, entre os anos de 2011 e 2013, Santa Catarina apresentou o maior índice de contratação de trabalhadores estrangeiros, registrando aumento de 282% de 2011 para 2013. Nesse período, os haitianos eram 29,3% dos estrangeiros com vínculo formal de trabalho no estado catarinense.

Os fluxos migratórios no mundo e seu impacto social constituem objeto importante para a análise da história do tempo presente¹⁰, seja estudando a relação desses fluxos com as questões sociais, culturais, econômicas e geopolíticas mais abrangentes, seja problematizando tais fluxos em configurações locais envolvendo mercado de trabalho, processos de identificação cultural ou mesmo redes de sociabilidade movidas na cotidianidade urbana.

A chegada da primeira grande leva de estrangeiros a Joinville ocorreu na segunda metade do século XIX, por conta de um empreendimento privado que combinou a comercialização de pequenos lotes de terra com o transporte e a fixação de imigrantes alemães e suíços. O empreendimento perdurou até meados dos anos 1940¹¹.

Os processos migratórios de que Joinville participou no século XX foram recentemente estudados pela historiografia local¹², produzindo em seu conjunto um significativo quadro de análise para a compreensão das imbricações desses processos com as transformações da cidade, especialmente no que se refere à presença de migrantes de municípios do interior de Santa Catarina e do Paraná nas décadas de 1960, 70 e 80, bem como de outros estados brasileiros, como São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco, de 1980 em diante. No entanto observa-se escassez de produções acadêmicas em torno dos recentes processos migratórios transnacionais, como é o caso do fluxo de haitianos para Joinville.

Foi com base na história dessa imigração que a partir da segunda metade do século XX começaram a ser produzidas narrativas públicas, na imprensa e na historiografia, exaltando a imigração germânica como origem do progresso da cidade e como matriz

¹⁰ A história do tempo presente (HTP) é um domínio do campo historiográfico aberto a diálogos interdisciplinares que tem como objetivo investigar a manifestação contemporânea daquilo que não é contemporâneo, ou seja, o presente do passado, bem como a profundidade temporal da contemporaneidade, os passados-presentes. A categoria, entre outros autores, é discutida por Hartog (2013) e Dosse (2012; 2013). Na perspectiva dos estudos em comunicação, fazemos referência à historiadora Barbosa (2008; 2013).

¹¹ Ver: SEYFERTH, 1990 e FICKER, 2008.

¹² Ver: SOUZA, 1998; TERNES, 1986; COSTA, 1996; MEURER, 1994; COELHO, 2010.

cultural de uma população que se tornou ordeira, harmônica e afeita à disciplina para o trabalho¹³.

Ao analisar a historicidade desses discursos, vê-se que a cidade se tornara um local de recepção de migrantes. Agora não mais se tratava da vinda de estrangeiros, mas de pessoas provenientes de várias cidades e regiões brasileiras¹⁴. Tais narrativas, segundo Machado (2009, p. 36), estavam imbuídas de “um desejo pedagógico [voltado] aos ‘forasteiros’ que passaram a fazer parte da cidade”. Gruner (2003), que investigou os escritos da imprensa joinvilense das décadas de 1970 e 80, afirma que os migrantes são representados como uma espécie de “mal necessário” e que demandaria uma série de iniciativas a serem tomadas pelos poderes instituídos na cidade para discipliná-los e integrá-los à cultura local. Não apenas na imprensa, mas também na historiografia, emergiam práticas discursivas que tinham por intenção incorporar os migrantes ao presente da cidade, “eliminando ao mesmo tempo, o que neles era identificado como ‘elemento desestabilizador’” (COELHO, 2010, p. 239).

A comunicação e suas interfaces com a história têm sido objeto de estudo nas últimas décadas no Brasil (BARBOSA, 2013). Barbosa (2008) problematiza a dimensão temporal da história e a contribuição dos meios de comunicação afirmando: no “processo de formação de laços entre passado, presente e futuro, os meios de comunicação, por fazerem parte do cotidiano da maioria, são fundamentais para a sua sedimentação” (BARBOSA, 2008, p. 84).

O reconhecimento das potencialidades da imprensa escrita como fonte histórica de pesquisa no Brasil deu-se sobretudo a partir dos anos 1970, com o fortalecimento da chamada história cultural e política (LUCA, 2005). No entendimento de Luca (2005, p. 128), “as renovações no estudo da História política, por sua vez, não poderiam dispensar a imprensa, que cotidianamente registra cada lance dos embates na arena do poder”. A autora indica alguns caminhos a serem percorridos pelo pesquisador ao decidir utilizar a imprensa como fonte: contextualização da produção, envolvendo questões como a relação que a empresa produtora do impresso mantém (ou não) com o mercado e com o setor estatal, o público que procura atingir e principalmente o contexto sociocultural do momento da produção jornalística. Já para a análise relacionada ao conteúdo da imprensa escrita, “o

¹³ O jornalista e historiador Apolinário Ternes, durante seus estudos sobre a história de Joinville, figura como produtor desses discursos. Ver: TERNES, 1981. Em contraposição, essa questão foi abordada criticamente em trabalhos como o de Gruner (2003). Ver também: MACHADO, 2009 e COELHO, 2010.

¹⁴ Sobre processos recentes de migração em Joinville, ver: COELHO, 2010 e NIEHUES, 2000.

historiador, de sua parte, dispõe de ferramentas provenientes da *análise do discurso* que problematiza a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento, questão, aliás, que está longe de ser exclusiva do texto da imprensa” (LUCA, 2005, p. 139, grifo meu).

Por meio da análise de editoriais, reportagens e textos de opinião se procurará entender as construções discursivas quanto aos imigrantes haitianos e problematizar o papel da mídia nos processos políticos e culturais que envolvem as experiências e representações acerca do processo migratório. As reportagens analisadas para essa comunicação foram escolhidas de maneira aleatória durante a pesquisa exploratória realizada até o presente momento.

Uma alusão recorrente em algumas reportagens no que concerne à vinda de haitianos para a região é o fato de que estes desejariam vir e viver no “Sul Maravilha”¹⁵. Quais representações, especialmente midiáticas, e redes sociais de apoio motivaram e concorreram para que tais indivíduos escolhessem Santa Catarina, e Joinville, como destino? Essa questão ganha complexidade à medida que se supõe que esses imigrantes desconhecem o idioma português e pouco sabem ou estão familiarizados com as imagens que procuram identificar Santa Catarina como a “Europa brasileira” (RAMOS FLORES, 1997)¹⁶ e Joinville como a Manchester catarinense (A NOTÍCIA, 1985)¹⁷.

O jornal *A Notícia* enuncia em reportagem de sua edição *on line*: “O número de refugiados haitianos em Joinville *cresce pacífica e silenciosamente*. Passados mais de cinco anos do terremoto que arrasou o Haiti, em janeiro de 2010, eles continuam chegando” (A NOTÍCIA, 2015, grifo meu). A matéria mostra, em primeiro lugar, um único fator da vinda dos imigrantes haitianos para o Brasil: o terremoto ocorrido em 2010, uma tragédia natural que resultou em grande calamidade, inclusive na infraestrutura do Haiti; por ser um país pobre e historicamente explorado por suas potências colonizadoras, houve grande destruição de bens e vidas. Dessa forma, não se trata dos problemas sociais produzidos historicamente e que poderiam ter sido um dos motivos para a imigração contemporânea haitiana, ou mesmo o desejo de migrar como sonho de um mundo melhor. O texto

¹⁵ A esse respeito, ver: SOUZA, 2014 e THOMÉ; DIOGO, 2014.

¹⁶ Ver em Ramos Flores (1997) como os poderes públicos e as iniciativas empresariais principalmente ligadas ao setor turístico e de hospitalidade investiram desde os anos de 1970 na construção dessa imagem, que teria como fundamento a vinda e o estabelecimento de imigrantes alemães, suíços e italianos.

¹⁷ Trata-se de denominações atribuídas à cidade desde o início do século XX e que circulam em discursos da municipalidade, materiais promocionais, imprensa e historiografia.

jornalístico uniformiza os imigrantes e torna-os refugiados por questões humanitárias, desconsiderando os diversos motivos dos deslocamentos humanos no século XXI, bem como deixa invisíveis suas subjetividades. Não há fala do imigrante haitiano nessa reportagem, sua voz não aparece; o imigrante não é visto nem compreendido como sujeito histórico.

A reportagem trabalha também com afirmações muito significativas para compreender o que se espera da presença desse imigrante na cidade: “Cresce pacífica e silenciosamente” (A NOTÍCIA, 2015). Por que não seria assim? O que significa dizer que tais pessoas continuam chegando pacífica e silenciosamente? Parte-se do princípio de que são violentas, que poderiam ameaçar a cidade? Trata-se de analisar aqui que mensagem/imagem a reportagem gostaria de transmitir em relação aos imigrantes. A matéria continua: “A maioria dos adultos trabalha ou estuda e *praticamente não há qualquer incidente* registrado envolvendo os refugiados [...] não há qualquer registro de incidente ou conflito envolvendo os refugiados na região’, garante o chefe da Delegacia da Polícia Federal em Joinville Oscar Biffi” (A NOTÍCIA, 2015, grifo meu). Que conflitos ou incidentes poderiam acontecer?

A apresentação do imigrante como pacífico remete a outros discursos produzidos ao longo da história de Joinville. Consiste na construção da imagem de um povo ordeiro e pacífico, muito presente “nas falas autorizadas” da cidade, tanto na imprensa quanto na historiografia local. Portanto, se é pacífico e silencioso, pode compor a sociedade joinvilense. Esse imigrante traria consigo “valores do povo de Joinville” e comportamento adequado para aqui viver. A mesma reportagem enfatiza também outro mito da cultura local: o trabalho, o povo trabalhador. “O que se percebe é que *eles chegam e logo começam a trabalhar, estudar*’, diz Jocélio Narciza, responsável pelo Centro de Referência Especializado para População em Situação de Rua (Centro POP)” (A NOTÍCIA, 2015, grifo meu). Vê-se essa aproximação da conduta do imigrante com os “valores” locais, sobretudo aqueles ligados ao trabalho e à passividade, permitindo a homogeneização das diferenças e a afirmação de uma ideologia, que historicamente constituiu os discursos da elite local.

Ainda na perspectiva de fortalecer os chamados valores civilizatórios propícios ao trabalho, outra reportagem veiculada na imprensa local (BRANCO, 2016) reafirma tais valores entre os imigrantes haitianos: “Os haitianos *são comprometidos, organizados e mantêm bom relacionamento* com os colegas de trabalho’, afirma Valentin Moresco,

coordenador de seleção da RH Brasil” (BRANCO, 2016, grifo meu). A reportagem assegura: “Os haitianos chegam com vontade de trabalhar e valorizam as oportunidades que são oferecidas. *‘Fazemos um acompanhamento após a contratação e não recebemos feedbacks negativos.* Os haitianos são bem aceitos e à medida que surgem as vagas de trabalho, eles são empregados” (BRANCO, 2016, grifo meu). Quem chega não é um cidadão, um sujeito. Quem chega à cidade é uma “máquina” trabalhadora, um trabalhador cortês, comprometido e que mantém “bom relacionamento”, indicando sua passividade diante de eventuais tensões do mundo do trabalho. A afirmação de que não há *feedbacks* negativos reforça a ideia/o mito da cordialidade.

Na continuação da reportagem, o recorte da fala de um imigrante haitiano parece estar ali para referendar esses valores e demonstrar o sentimento de gratidão e pertencimento: “Os haitianos demonstram gratidão ao país e à cidade que os acolheu. ‘Joinville é pequena e tranquila, bom para morar’ [...], declara Jean Michelet Louis, que está no país a pouco mais de um ano e diz que se sente feliz em morar no Brasil” (BRANCO, 2016). A matéria é finalizada relatando as ações de solidariedade do povo joinvilense: “Com esse auxílio, os haitianos não pensam em deixar a cidade e confiam que no Brasil, e em Joinville, não lhes faltará um lugar para chamar de novo lar. Nessa perspectiva [...] na cidade dos príncipes, os haitianos encontram condições dignas para recomeçar a viver” (BRANCO, 2016). Essa última frase retoma um mito forte da cultura local, repetido historicamente: a “cidade dos príncipes”, e que aqueles que de Porto Príncipe saíram encontram em Joinville um lugar para si. Esse trocadilho já aparece no título da matéria, “Joinville, a nova cidade dos príncipes do Haiti” (BRANCO, 2016), criando desse modo um lugar de pertencimento para o imigrante haitiano, diluindo qualquer questão em torno da problemática e dos tensionamentos existentes na relação entre recusa e pertencimento.

Assim, tomando como ponto de partida alguns dos estudos até aqui realizados sobre as migrações na história do tempo presente, identificou-se a necessidade de investigar os deslocamentos e a presença de haitianos em Joinville à luz de questões ligadas à comunicação e à cultura, procurando problematizar pela análise crítica da produção discursiva da imprensa local as tensões e disputas que se desenrolam e movimentam as múltiplas vivências da diferença na contemporaneidade urbana.

Fundamentação teórica

Os deslocamentos humanos estão na base da história e das condições sociais da humanidade. Na contemporaneidade, os fluxos migratórios vêm ganhando complexidade, especialmente quando consideramos as disjunções e superposições com outros fluxos – de tecnologias, finanças, imagens e informações (APPADURAI, 1999) –, bem como a inserção de outros países nas chamadas redes migratórias, a diversidade étnico-cultural dessas redes, a multidirecionalidade dos deslocamentos e as sucessivas crises econômicas globais.

Ao estudar os fluxos migratórios, Hall (2003) afirma que os deslocamentos humanos estão sempre imbricados em tensões que envolvem as vivências das diferenças e a produção de identidades. Os processos migratórios dariam visibilidade às lutas de sentido acerca da heterogeneidade × homogeneidade cultural, além dos encontros interculturais que promovem hibridismos. Observando a diáspora caribenha rumo à Inglaterra, o autor lança questões em torno do tipo de comunidade que esses indivíduos estabelecem em seu novo destino, os relacionamentos com a sociedade local e as estratégias adotadas para a sua integração.

Interculturalidade e hibridismo têm a ver com as experiências multiculturais, processos em que “diferentes comunidades culturais convivem e tentam construir uma vida em comum, ao mesmo tempo em que retêm algo de sua identidade ‘original’” (HALL, 2003, p. 52). Portanto, as configurações da identidade cultural relacionam-se à vivência da diferença, “diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*, significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim” (HALL, 2003, p. 33). Tal perspectiva se baseia na noção de *différance* de Derrida, isto é,

o movimento do jogo que “produz” [...] essas diferenças, esses efeitos de diferença [...]. Não se trata da forma binária de diferença entre o que é absolutamente o mesmo e o que é absolutamente “Outro”. É uma onda de similaridades e diferenças, que recusa a divisão em oposições binárias fixas (HALL, 2003, p. 60).

Para compreender o hibridismo cultural e o processo de elaboração de identidades e de identificações, é preciso reconhecer que não lidamos com ideias nem com processos predeterminados, essencializados e imutáveis, pois resultam de “formações históricas específicas, de histórias e repertórios culturais de enunciação muito específicos” (HALL,

2003, p. 432-433), sempre indicando maneiras de se posicionar numa dada situação de interação social.

Conforme Peixoto (2004), o tema das migrações teria sido ignorado por parte dos autores clássicos do século XIX, ainda que se revestisse de grande importância naquele período, pela intensidade dos movimentos do campo para a cidade e pelos deslocamentos transnacionais. Segundo o autor, apenas ao longo do século XX houve, pelos estudiosos de diferentes áreas do conhecimento, um crescente interesse nos fenômenos migratórios. Esse interesse deu destaque às condições econômicas de repulsão-atração (*push-pull*) e aos problemas urbanos então observados de integração dos imigrantes à sociedade receptora.

Assis e Sasaki (2000) afirmam que, a partir da década de 1970, as pesquisas começaram a salientar a importância das redes sociais no processo migratório. Dessa forma, não somente situações de crise econômica impulsionariam os fluxos migratórios, mas também as redes de apoio e de sociabilidade acionadas pelos próprios migrantes tanto na sociedade de origem como na hospedeira. Diante da complexidade das migrações transnacionais e da possibilidade de serem pensados numa articulação global, os migrantes, “ao viverem entre dois campos sociais que envolvem múltiplas relações e conexões [...], não estão [estariam] sendo forçados a abandonar velhos padrões e se adaptarem a novas circunstâncias, mas criando um singular campo social que só é possível dentro do mundo globalizado” (ASSIS; SASAKI, 2000, p. 14). É dessa perspectiva que se pode abordar a mídia como mediação que aproxima singularmente mundos e experiências sociais diversos, movendo e sendo movida pelos processos de (re)elaboração de redes de sociabilidade.

A esse respeito, destaca-se a contribuição de Hall (2003). Para ele, a mídia não é um campo centrado apenas nas mensagens produzidas e disseminadas, mas também nos processos de recepção. Em entrevista, o autor explicou que suas ideias visaram questionar “modelos empíricos positivistas tradicionais de análise de conteúdo, a pesquisa de efeitos na audiência etc.” (HALL, 2003, p. 353). “A mensagem é uma estrutura complexa de significados que não é tão simples como se pensa. A recepção não é algo aberto e perfeitamente transparente, que acontece na outra ponta da cadeia de comunicação. E a cadeia comunicativa não opera de forma unilinear” (HALL, 2003, p. 354). Além disso, a comunicação não pode ser entendida fora das estruturas e práticas sociais. Ao contrário, é parte constitutiva das práticas sociais, culturais e políticas.

Barbero (2013) aprofunda o debate sobre mediações socioculturais problematizando as imbricações entre comunicação, cultura e hegemonia: “A comunicação se tornou [...]

questão de *mediações* mais do que meios, questão de *cultura* e, portanto, não só de conhecimento, mas de reconhecimento” (BARBERO, 2013, p. 28, grifos do autor). Trata-se de ver a comunicação com base na recepção, na apropriação e nos usos que se faz dela e, sobretudo, nas resistências.

Sodré (2006) estuda a mídia como constituinte de uma nova forma de vida e chama-a de um novo *bios*, que passa a ser utilizado pelo homem para dar sustentação à cultura e como fator constituinte para a compreensão das coisas. Afirma que a mídia é mais que linguagem, sendo também criadora de subjetividades. Diz ele:

Quando se admite que “o meio é a mensagem”, está-se dizendo que há sentido no próprio meio, logo que a forma tecnológica equivale ao conteúdo e, portanto, não-mais veicula ou transporta conteúdos-mensagens de uma matriz de significações (uma “ideologia”) externa ao sistema, já que a própria forma é essa matriz (SODRÉ, 2006, p. 19).

Para o autor, a mídia deve ser entendida como uma das possíveis estratégias de socialização e de mediação. Ele identifica nas redes sociais uma potência criadora de sociabilidades, pela sua capacidade de integração, interação e construção de subjetividades. Como pensa, a mídia criou um universo novo e nele vivemos, devendo ser vista como interação. Sodré (2006) chama a atenção em seus estudos para a necessidade de perceber como as estratégias sensíveis são utilizadas com objetivos racionais pela comunicação.

Considerações finais

Pode-se perceber pelas análises realizadas das construções discursivas até o momento que a imprensa escrita tem papel ativo na construção de sentidos e significados sobre a presença de migrantes em Joinville. Atribuindo papéis diversos aos imigrantes ao longo da história e do desenvolvimento da cidade, tal mídia produz e dissemina representações sobre os migrantes recém-chegados, entre eles os haitianos, posicionando-os como possíveis integrantes da cidade ordeira e trabalhadora, já que suas condutas estão em consonância com os chamados “valores” da cidade. Nosso objetivo será aprofundar essas questões ao longo da pesquisa.

Referências

A NOTÍCIA. Estimativa é de que mais de mil haitianos morem em Joinville: número de refugiados haitianos cresce pacífica e silenciosamente na cidade. **A Notícia**, Joinville, 25 maio 2015. Disponível em: <<http://anoticia.clicrbs.com.br/sc/geral/joinville/noticia/2015/05/estimativa-e-de-de-que-mais-de-mil-haitianos-morem-em-joinville-4768275.html>>. Acesso em: 18 fev. 2016.

_____. Joinville: um pouco da Europa em solo de Santa Catarina. **A Notícia**, Joinville, p. 30, 9 mar. 1985.

APPADURAI, Arjun. Disjunção e diferença na economia cultural global. In: FEATHERSTONE, Mike (Org.). **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 311-328.

ASSIS, Gláucia de Oliveira; SASAKI, Elisa Massae. Teorias das migrações. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS: Brasil, 500 Anos – Mudanças e Continuidades, 12., Caxambu, 2000. **Anais...** Caxambu: Abep, 2000.

BARBERO, Jesus Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2013.

BARBOSA, Marialva. **História da comunicação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. Meios de comunicação e usos do passado: temporalidade, rastros e vestígios e interfaces entre comunicação e história. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart; HERSCHMANN, Micael (Orgs.). **Comunicação e história: interfaces e novas abordagens**. Rio de Janeiro: Mauad X/Globo Universidade, 2008.

BASTANTE, Jesús. O Haiti é uma das grandes tragédias esquecidas. **Instituto Humanitas Unisinos**, 3 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/noticiasanteriores/33046-%60%60o-haiti-e-mais-uma-das-grandes-tragedias-esquecidas%60%60>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

BRANCO, Glória. Joinville, a nova cidade dos príncipes do Haiti. **MigraMundo**, 12 jan. 2016. Disponível em: <<http://migramundo.com/joinville-a-nova-cidade-dos-principes-do-haiti/>>. Acesso em: 10 mar. 2016.

COELHO, Ilanil. **Pelas tramas de uma cidade migrante: Joinville, 1980-2010**. Tese (Doutorado em História Cultural)–Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

COGO, Denise. Comunicação e migrações transnacionais: o Brasil (re)significado em redes migratórias de haitianos. **Revista de Estudos Universitários**, v. 4, n. 2, 2014. Disponível em:

<<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=reu&page=article&op=view&path%5B%5D=2130>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

CONSELHO NACIONAL DE IMIGRAÇÃO (CNIg). **Ações do Conselho Nacional de Imigração: políticas públicas para migração**. 2014. Disponível em: <[http://haitiaqui.com/files/OBMigra.%202014.%20%20A%C3%A7%C3%B5es%20do%20Conselho%20Nacional%20de%20Imigra%C3%A7%C3%A3o%20\(CNIg\).%20Pol%C3%A Dticas%20P%C3%BAblicas%20para%20migra%C3%A7%C3%A3o.%20Bras%C3%ADli a.pdf](http://haitiaqui.com/files/OBMigra.%202014.%20%20A%C3%A7%C3%B5es%20do%20Conselho%20Nacional%20de%20Imigra%C3%A7%C3%A3o%20(CNIg).%20Pol%C3%A Dticas%20P%C3%BAblicas%20para%20migra%C3%A7%C3%A3o.%20Bras%C3%ADli a.pdf)>. Acesso em: 20 fev. 2016.

COSTA, Iara Andrade. **A cidade da ordem: tensões e controle (Joinville 1917/1943)**. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

HAITIANOS NO BRASIL. **Dados da Relação Anual de Informações Sociais (Rais), 2011-2013, sobre haitianos no mercado de trabalho formal**. 2015. Disponível em: <<https://haitianosnobrasil.files.wordpress.com/2015/05/dados-da-relac3a7c3a3o-anual-de-informac3a7c3b5es-sociais-rai-2011-2013-sobre-haitianos-no-mercado-de-trabalho-formal.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 4, n. 1, p. 5-22, jan./jun. 2012. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/3381/338130378002.pdf>>. Acesso em: 28 fev. 2016.

_____. O acontecimento na era das mídias. In: _____. **O renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador – entre esfinge e fênix**. São Paulo: Editora da Unesp, 2013. p. 257-340.

FICKER, Carlos. **História de Joinville: crônicas da Colônia Dona Francisca**. 3. ed. Joinville: Letradágua, 2008.

GRUNER, Clóvis. **Leituras matutinas: utopias e heterotopias da modernidade na imprensa joinvilense (1951-1980)**. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 2003.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

HARTOG, François. **Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Perfil das cidades**. 2015. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=420910&search=santa-catarina|joinville>>. Acesso em: 20 fev. 2016.

LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MACHADO, Diego Finder. **Redimidos pelo passado?** Seduções nostálgicas em uma cidade contemporânea (Joinville, 1997-2008). Dissertação (Mestrado em História)–Programa de Pós-Graduação em História, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MENDONÇA, Pollyana. Audiência pública discute a situação de imigrantes haitianos em Joinville. **Saber Migrar**, 5 ago. 2015. Disponível em: <<https://sabermigrar.wordpress.com/2015/08/05/audiencia-publica-discute-a-situacao-de-imigrantes-haitianos-em-joinville>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

MEURER, Bellini. **“Entre flores e manguezais”**: a construção do real em Joinville. Dissertação (Mestrado)–Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1994.

NIEHUES, Valdete Daufemback. **De agricultor a operário**: lembranças de migrantes. 245 p. Dissertação (Mestrado em História)–Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

PEIXOTO, João. **As teorias explicativas das migrações**: teoria micro e macro-sociológicas. Lisboa: Socius, 2004.

RAMOS FLORES, Maria Bernadete. **Oktoberfest**: turismo, festa e cultura na estação do *chopp*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração e cultura no Brasil**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1990.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis**: afeto, mídia e política. Petrópolis: Vozes, 2006.

SOUZA, Rosana. À espera do “Sul Maravilha”, haitianos enfrentam preconceito e má-fé em Manaus. **Rede Brasil Atual**, 28 jan. 2014. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2014/01/a-espera-do-sul-maravilha-haitianos-enfrentam-preconceito-e-ma-fe-em-manaus-1242.html>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

SOUZA, Sirlei de. **Ecos da resistência na desconstrução da ordem: uma análise da “Revolução de 64” em Joinville**. 145 p. Dissertação (Mestrado em História do Brasil)– Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

TERNES, Apolinário. **História de Joinville: uma abordagem crítica**. Joinville: Meyer, 1981.

_____. **História do Jornal A Notícia: 1923-1983**. Joinville: A Notícia, 1983.

_____. **História econômica de Joinville**. Joinville: Meyer, 1986.

THOMÉ, Leonardo; DIOGO, Marciano. Paraíso para os haitianos, Santa Catarina vê crescer o número de imigrantes em busca de trabalho. **Notícias do Dia**, 9 abr. 2014. Disponível em: <<http://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/157741-paraiso-para-os-haitianos-santa-catarina-ve-crescer-o-numero-de-imigrantes-em-busca-de-trabalho.html>>. Acesso em: 21 fev. 2016.